
Por uma nova consciência ecológica e comunitária: as mídias digitais do projeto Común Tierra¹

Guilherme Curi e Veneza Ronsini

Docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM)

Resumo

Fruto de dois projetos de pesquisa em andamento, este artigo discute as relações entre comunidades e reconhecimento com vistas a analisar as práticas comunicacionais das mídias digitais do projeto Común Tierra. A partir da discussão teórica proposta e do monitoramento inicial das plataformas online de divulgação do projeto, argumentamos aqui que as ecovilas promovem ações políticas comunitárias e que as mídias online apresentam-se como as principais responsáveis pela divulgação da consciência ecológica na contemporaneidade e proposição de um modo de vida sustentável.

Palavras-chave

Ecovilas; Mídias digitais; Comunidade; Reconhecimento.

1. Introdução

O artigo se restringe a apresentar o caso de ecovilas laicas e situadas no meio rural, no Brasil e em países latino-americanos, e que têm em comum com outros tipos de comunidades intencionais ao redor do mundo a defesa de um estilo de vida sustentável baseado na permacultura (NERY, 2017; CAPELLO, 2013; ARRUDA 2018): alimentação vegana ou vegetariana, produção agrícola de subsistência, rejeição à sociedade de consumo e ao uso de combustíveis fósseis, inspiração no modo de vida dos povos originários ou de comunidades tradicionais, interação econômica com parceiros locais e regionais, etc.

Capello (2013), em um dos primeiros livros sobre o tema no Brasil, aponta que o conceito de ecovila não deveria se resumir em estabelecer uma lista de “soluções verdes” ou equipamentos e formas de interações socioambientais que colaborem para aumentar gradativamente as práticas ecológicas de seus moradores. Do mesmo modo, as formas de organização das ecovilas são criticadas pelo isolamento social e pelo elitismo de classe (Nery, 2017), mas ao mesmo tempo demonstram conexões com organizações globais que promovem os valores das diferentes vertentes do ambientalismo (CASTELLS, 2000;

¹ Artigo submetido ao 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2020, Grupo de Pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local.

LEIS, 1999) em função da grave crise ambiental que ameaça a vida no planeta e que há décadas é denunciada sem que haja mudanças substantivas para sua resolução.

As contradições que envolvem o conceito de desenvolvimento sustentável (LEIS, 1999) - em um continuum que se estende desde uma modalidade de gestão empresarial até a convergência entre ambientalismo e espiritualidade – parecem se reproduzir nas ecovilas, pressionadas pela necessidade de sobreviver economicamente com a prestação de serviços coletivos e individuais e pela manutenção dos ideais utópicos de uma vida que priorize o bem-estar coletivo de seus membros e de todos os “seres vivos”.

As ecovilas representam hoje uma forma alternativa política de vida diante de um mundo onde a acumulação de riquezas sem distribuição igualitária de benefícios sociais exacerbou contradições e conflitos, principalmente nos grandes e médios centros urbanos latino-americanos. Segundo dados lançados em janeiro de 2020 pela **ONG OXFAM**², , entre junho de 2018 e junho de 2019, a riqueza global além de aumentar permanece “fortemente concentrada no topo da pirâmide de distribuição: o 1% mais rico em termos de perfil patrimonial, detinha em meados de 2019, mais do que o dobro da riqueza líquida possuída por 6,9 bilhões de pessoas”.

Diante da desigualdade social global, a chave principal para interpretar as ecovilas, de acordo com Marina Silva, seria observá-las como “uma tentativa de encontrar um sistema de valores que defina a justa medida humana” (2013, p.19). Segundo a ativista ambiental, que já atuou no poder legislativo e executivo brasileiro, a crise que enfrentamos é econômica, social, ambiental e política, mas, sobretudo, uma crise de valores resultante de uma inadequada percepção do ser humano a respeito de si mesmo e de seu lugar na natureza.

Utopia do nosso tempo, a sustentabilidade repete esse ato em cada tentativa de realizar-se. Diferente das utopias anteriores, não busca um poder central, a partir do qual pode se impor à sociedade. Compreende que seu poder é espalhar-se, diluir-se, compartilhar-se. Seu princípio, portanto, é a reinvenção e a recuperação da **comunidade** [grifo nosso] (SILVA, 2013, p.20).

De fato, Silva percebe os novos movimentos de ecovilas como pretensas para um retorno às relações comunitárias, algo muito presente no discurso daqueles que lideram o caso que nos propomos a analisar aqui.

² Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595753-desigualdades-oxfam-2-153-super-ricos-possuem-mais-do-que-outros-4-6-bilhoes-de-pessoas-enquanto-os-50-mais-pobres-tem-menos-de-1>. Capturado em 30 de setembro de 2020.

Neste sentido, para Coimbra, é necessário perceber que as ecovilas são amostras de possibilidades de novos assentamentos humanos e vida comunitária mas não constituem “uma saída universal” ou seja, não pode ser vista como a solução para todos os problemas do mundo. Para ele, trata-se sim de um empreendimento de certa complexidade, “fruto de uma opção grupal e comunitária ou de uma filosofia de vida, uma entre tantas que marcam a sociedade ocidental moderna e pluralista. Sob esse ótica, a ecovila é um ideário e uma pedagogia” (2013, p.14).

A partir destas primeiras reflexões, indagamos: Como podem essas ideias sobre a harmonia entre os seres vivos e entre os seres humanos, que parecem tão contrárias à lógica capitalista, frutificar para além dos limites espaciais das comunidades das ecovilas? Pode esse modo de vida comum a um número pequeno de comunidades se tornar o comum da sociedade capitalista? Poderíamos responder que somente no ecossocialismo isso seria possível (LOWY, 2005) e que essa transformação parece-nos muito distante. O que temos agora a nosso alcance é a possibilidade de mudança de padrões de trabalho e de consumo dos grupos humanos reunidos nas ecovilas, presumindo que mediação da comunicação online é condição para a existência e manutenção delas.

Argumentamos aqui que as ecovilas representam ações políticas e comunitárias que envolvem a possibilidade de um intercâmbio cultural, econômico e social no qual o “comum” não significa a redução das diferenças a um mesmo denominador (García Canclini, 2004). Ao refletir sobre o significado da apreensão do “comum” na cultura latino-americana a par de todas as diferenças e desigualdades entre grupos e etnias, o antropólogo argentino defende que a integração política e cultural continua tão necessária quanto a autonomia dos grupos se quisermos construir um projeto sociopolítico para a superação das desigualdades.

Em raciocínio semelhante, para Sodré (2014), a comunicação revela-se como principal forma organizativa e política na sociedade contemporânea. Revelar-se, segundo o autor, porque comunicação significa, de fato, em sua radicalidade, “o fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano, a resolução aproximativa das diferenças pertinentes em formas simbólicas” (SODRÉ, 2014, p.15). Ou seja, interação subjetiva, colocar-se em comum, concatenar-se, onde a vinculação humana é o problema central da comunicação. Se a política é estabelecer vínculos entre os participantes de uma comunidade, as ações políticas e comunitárias das ecovilas são internas e externas aos

seus contornos porque propõe um outro modelo de desenvolvimento social que supere a lógica econômica da rentabilidade para incluir a do bem-estar.

Isto posto, a primeira questão deste artigo é definir as ecovilas como comunidades que vivem localmente e se conectam globalmente em redes pessoais e digitais, a segunda é discorrer sobre a importância da comunicação online na própria constituição e manutenção econômica e simbólica, ou seja, de reconhecimento destas comunidades. Fruto de dois projetos de pesquisa³, mas que convergem em preocupações semelhantes de análises sobre as questões socioambientais, ecovilas e comunicação, nosso texto busca discutir questões relativas ao *reconhecimento* e *comunidades* presentes nas práticas comunicacionais das plataformas de divulgação das ações do projeto Común Tierra. As primeiras análises foram feitas nos meses de junho, agosto e setembro de 2020 no site, blog, facebook e youtube do projeto e serão desenvolvidas nos próximos 6 meses.

As principais indagações que norteiam nossos estudos são: Que lições podemos tirar a partir das ferramentas midiáticas utilizadas pelos organizadores deste projeto e as possíveis alternativas sociais e sustentáveis produzidas e representadas? Como elas se definem em relação à sociedade vigente em termos de trabalho e consumo? Este projeto, preocupado com o bem-viver e a produção do que necessitam, pode contribuir com a esfera da distribuição dos recursos, na medida em que apregoam a apropriação justa dos bens materiais?

Na tentativa de discutir questões colocadas até aqui, dividimos o texto em quatro momentos. Após a introdução, na segunda parte do artigo discutimos sobre os conceitos de reconhecimento e comunidade que dialogam com nosso objeto de estudo. Em seguida, descrevemos as análises iniciais realizadas sobre as plataformas digitais do *Común Tierra* em diálogo com as perspectivas teórico-metodológicas apresentadas. Por fim, abordamos as primeiras constatações de pesquisa, os limites de nosso estudo e os próximos passos que serão realizados, com o objetivo de aprofundar e complexificar o tema.

³ A pesquisa realizada por Curi possui bolsa de pós-doutorado financiada pelo Programa Capes PrInt e está vinculada ao projeto de Ronsini, que recebe bolsa de produtividade do CNPq e coordena o Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídias (CNPq), do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM).

2. Percepções teóricas sobre reconhecimento e comunidade para compreender o fenômeno das ecovilas

A sociedade em rede (Castells, 2000) enfrenta a desanimadora perspectiva de uma incessante crise de proporções catastróficas para a vida no planeta, privilegiando as redes digitais como forma de estruturar o sistema de ganância econômica enquanto o sistema promete conexões para aumentar o consumo e a participação cidadã por um conjunto de narrativas produzidas na mídia, no Estado e nas instituições. Somando-se a todo este complexo processo, percebemos que o sistema neoliberal capitalista em crise estimula, por essência, a individualização do ser. No entanto, estes mesmos indivíduos passam a questionar sua própria existência (profissional, afetiva etc.) e a profunda relação com o meio-ambiente

Aqui, o reconhecimento, quase que inevitavelmente, acaba ocupando um lugar chave no debate teórico para aqueles que se propõem a discutir novas perspectivas socioculturais de organizações comunitárias. Neste sentido, para Nancy Fraser (2006), o reconhecimento cultural toma o lugar da redistribuição socioeconômica como remédio e solução para a injustiça e objetivo da luta política, por mudança de paradigmas. Segunda a autora, é necessário desenvolver uma teoria crítica do reconhecimento, que identifique e assuma a defesa de versões da política cultural da diferença que possam ser combinadas coerentemente com a política social da igualdade. Fraser demonstra assim o claro objetivo de conectar duas problemáticas atualmente dissociadas, o reconhecimento e redistribuição, pois é, segundo a autora, somente integrando ambas que chegaremos a um quadro conceitual adequado às demandas contemporâneas.

Capello (2013), por sua vez, que investiga ecovilas há mais de uma década, aponta que as comunidades intencionais possuem a particularidade de inserir a preocupação com os problemas ambientais aliada ao aumento da consciência a respeito da necessidade de experimentar novos modelos de vida. Em outras palavras, podemos interpretar, a partir da visão de Capello, que as ecovilas estariam preocupadas em associar tanto as questões de reconhecimento quanto à redistribuição mencionadas por Fraser.

Ainda, para compreender processos sociais e culturais contemporâneos (no nosso caso, as ecovilas), Fraser aponta que é necessário atentar para duas formas de injustiça. A primeira seria a injustiça econômica, que cada vez mais se aprofunda na estrutura econômico-política das sociedades atuais; a segunda seria a cultural ou simbólica, um dos focos de nossa pesquisa, na qual a injustiça se aprofunda “nos padrões sociais de

representação, interpretação e comunicação” (FRASER, 2006, p.231), algo que será retomado nas análises sobre os conteúdos midiáticos das ações do projeto *Común Tierra*.

Já Axel Honneth (2003) aponta que é preciso mostrar como indivíduos e grupos sociais se inserem na sociedade atual a partir de conflitos (no caso das ecovilas, de cunho social e ecológicos), de forma a esclarecer a lógica das mudanças sociais a partir da gramática moral dos conflitos. Segundo o autor, os conflitos ocorrem por meio de uma luta por reconhecimento intersubjetivo e não por uma autopreservação. Ou seja, os indivíduos e os grupos sociais somente podem formar a sua identidade e estabelecer seus lugares na sociedade quando reconhecidos intersubjetivamente. Johantah Dawson (2006), um dos primeiros estudiosos sobre as novas comunidades intencionais, nos auxilia em um exemplo como esta luta gramatical por reconhecimento pode acontecer ao afirmar que o termo ecovila teria sido usado em larga escala pela primeira vez entre pacifistas alemães. Tal fato aconteceu a partir de um conflito e como forma de protesto, quando este grupo de alemães criaram assentamentos baseados em princípios ecológicos perto de usinas nucleares, que foram batizados de *okodorf* (ou ecovila, na tradução literal).

De fato, para o filósofo alemão, a identidade dos indivíduos seria formada pela socialização, ou seja, na *eticidade*, inserida em valores e obrigações intersubjetivas, algo que podemos identificar no projeto *Común Tierra* e as ecovilas pesquisadas. Em outras palavras, na sociedade moderna, como salienta o autor, o indivíduo vê-se quase que obrigado a encontrar reconhecimento como indivíduo autônomo livre e como membro de formas de vida culturais específicas. Nas nossas observações sobre práticas comunicacionais das comunidades de ecovilas, esse balanço entre a liberdade individual e as obrigações coletivas são apontadas e problematizadas para assim compreendermos o significado de comunidade que as ecovilas nos remetem.

Neste sentido, Cappelto (2013, p. 67) afirma que o mais importante pilar para a organização de uma ecovila é construir uma comunidade: “ser uma comunidade é condição *sine qua non* a toda e qualquer ecovila”. Já Arruda (2018) refere-se às ecovilas como formas particulares de organização socioespacial de grupos populacionais reunidos em uma comunidade, com atenção especial às questões ambientais e aos laços sociais, ambos aspectos enfraquecidos e fragmentados pelos processos de alienação e individualização iniciados com a modernidade. Como podemos constatar, ambos os autores percebem as formações das ecovilas como uma relação intersubjetiva de reconhecimento.

Mas, a partir destas percepções de reconhecimento e destas duas conceituações de ecovilas, de que comunidade estaríamos falando? A comunidade que concebemos teoricamente aqui deriva principalmente do pensamento do filósofo italiano Roberto Esposito, que percebe comunidade não como um ente ou um conjunto de indivíduos com identidades comuns.

O que Esposito (2007) propõe é o oposto, uma quebra de paradigmas conceituais e epistemológicos, que a comunidade não esteja mais vinculada a um conjunto de subjetividades individuais que somam-se umas às outras mas o contrário, ou seja, seus participantes não são mais idênticos a si mesmos, porém “constitutivamente expostos a uma tendência que os leva a forçar os próprios limites individuais para encararem o seu fora” (ESPOSITO, 2007, p.18). Em outras palavras, a comunidade “não é o entre do ser, mas o ser como entre: não é uma relação que modela o ser, mas o próprio ser como relação” (ESPOSITO, 2007, p.19). A comunidade, para o autor, é a exteriorização do interior, a socialização do que pode ser construído, de uma lacuna a ser sempre preenchida.

Nesta mesma linha de raciocínio, para o comunicólogo brasileiro Muniz Sodré (2007), um dos principais pontos para compreendermos o que seria comunidade é atentarmos para a questão do vínculo. Vincular-se, segundo o autor, diferentemente de pôr-se em contato, é muito mais do que um mero processo interativo, pois pressupõe a inserção social e existencial do indivíduo desde a dimensão imaginária até as discussões perante às orientações práticas de conduta, ou seja, aos valores. Além disso, a vinculação, que é simbólica, no sentido de uma mesma origem e destino, é também uma exigência radical de partilha da existência com o outro. Comunidade é assim, segundo ele, constitutivamente habitada por uma ausência. O que vincula não é o que se tem em comum, mas aquilo que falta. Ou seja:

(..)esse “outro” de que se fala não é um outro sujeito, e sim, como precisa Esposito, uma cadeia de alterações que não se fixa nunca em uma nova identidade (...) comunidade não é o mero estar junto num território, como numa aldeia, num bairro ou num gueto, e sim um compartilhamento (ou uma troca), relativo a uma tarefa, um *múnus*, implícito na obrigação originária (*onus*) que se tem para com o Outro. Os indivíduos diferenciam-se e identificam-se dentro da dinâmica vinculativa, o reconhecimento e acatamento dessa dívida simbólica (SODRÉ, 2007, p.9).

Assim como Sodré, Yamamoto distingue a totalidade dos estudos sobre o conceito de comunidade em duas perspectivas: a *substancialista* e a *dessubstancialista*. Tal

distinção, segundo o autor, seria a novidade introduzida por Esposito aos estudos de comunidade, ou seja, concebida aqui como fenômeno vinculativo humano e não absolutamente como formação histórico-social particular. Comunidade, neste sentido, seria assim não algo que podemos possuir, mas o que está por converter-se, uma falta, um porvir, espaço a ser preenchido. Tal proposição, segundo o pesquisador, é uma ampliação semântica de acordo com o seu significado originário (*communitas*), que dá visibilidade a uma demanda política já existente e considera o potencial aglutinador, mobilizador e transformador que a palavra, ainda, preserva. Em outras palavras, proporciona uma “frente de investigação que se preocuparia com o acolhimento do outro e com a reinvenção de si, mergulhando no cerne da questão da comunicação e da comunidade, o vínculo humano” (YAMAMOTO, 2014, p.454).

Ainda, antes de avançarmos para análises das plataformas de divulgação das ações das ecovilas, em sintonia com o pensamento de Sodré e Yamamoto, pontuamos que a função da comunicação enquanto práxis social seria o de suscitar uma compreensão, ou seja, um “conhecimento e ao mesmo tempo uma aplicação do que se conhece, na medida em que os sujeitos implicados no discurso orientam-se, nas situações concretas da vida, pelo sentido comunicativamente obtido” (SODRÉ, 2006, p.14). Portanto, voltamos nossa atenção para as formas como estes sentidos estão sendo comunicados na contemporaneidade através do tema proposto a seguir.

3. As mídias digitais do Projeto Común Tierra

A partir dos conceitos de reconhecimento e comunidade trabalhados até aqui, partimos então para análise do Projeto *Común Tierra*, uma empreitada nômade que originou-se a partir de uma viagem pela América Latina iniciada 2010, com o objetivo de documentar comunidades sustentáveis e projetos ecológicos de comunidades intencionais.

O projeto foi criado pelo casal de jovens de classe média, Letícia Riggati, brasileira, e Ryan Luckey, estadunidense. Eles viajaram por seis anos e visitaram 150 aldeias e comunidades em toda a América Latina, entre os países visitados estão México, Nicarágua, Chile, Equador, Peru, Argentina, Uruguai e Brasil, último país de destino, onde circularam durante os últimos seis meses de viagem.

Pelo fato do casal ter entrado pelo sul, na fronteira do Brasil com o Uruguai, na cidade do Chuí, as comunidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram as primeiras a

serem visitadas e documentadas. Entre elas estão a comunidade agroecológicas assentadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), em Nova Santa Rita, e a Ecovila São José, em Santa Catarina. Depois de alguns poucos meses nesses locais, o casal rumou para comunidade de Serra Grande, no sul da Bahia. Lá, após terem o primeiro filho, eles se instalaram, e, em meados de 2017, construíram uma nova casa. Neste local, eles começaram o processo de assentamento com outras famílias da região, onde residem até hoje.

Toda experiência foi documentada de forma investigativa e educativa, sempre com a utilização de dispositivos tecnológicos e mídias itinerantes, compartilhadas em redes sociais, com guias multimídias, fotos e vídeos, através do que eles denominam de “jornalismo de pés descalços”, com “uma mão na horta e a outra filmando e documentando”⁴, assim também descrita em um das entrevistas concedidas pelo casal disponível nas mídias digitais analisadas.

Nos mais de 70 vídeos e documentos disponíveis nas diferentes plataformas do projeto estão entrevistas e os trabalhos desenvolvidas nas comunidades sustentáveis, ecovilas e centros de permacultura. No site do projeto, que está disponível em português, espanhol e inglês, além de diferentes materiais, links e documentos disponíveis, o principal atrativo é um mapa da América Latina com todas as ecovilas visitadas, com a respectiva descrição de cada uma. Além disso, dentro do próprio site, existe um blog, atualizado até 2018 com as atividades do projeto depois da viagem.

A última postagem do blog fala sobre uma roda de debates ocorrido em Ilhéus, Bahia, sobre os “Direitos da Mãe Natureza”, com a pesquisadora Vanessa Hasson, especialista no tema e que atua na gestão e desenvolvimento de projetos socioambientais junto ao primeiro e terceiro setor. Trata-se, na verdade, de um movimento que trabalha sobre a implementação de legislações que conferem direitos legais ao meio ambiente no Brasil e no mundo. Na ocasião, estiveram presente moradores de ecovilas da região, representantes do legislativo e executivo baiano e pesquisadores da Universidade Estadual da Bahia, o que demonstra o caráter político representativo do movimento relacionados às questões de reconhecimento mencionadas por Fraser (2006) e discutidas na segunda seção deste artigo.

⁴ Entrevista concedida por RIGGATI, L [set. 2020]. Entrevistador: Carlos Rojas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ComunTierra>>. Acesso em: set. 2020.

Ainda, a descrição no site afirma que o objetivo principal do projeto é difundir informações educativas de como aprimorar técnicas e ferramentas com enfoque sustentável através de visitas em diferentes localidades. Algo que nos dá a clara impressão da prática de uma comunicação comunitária. Segundo Raquel Paiva (2007), a comunicação produzida por estes novos meios gera, a todo momento, também novas formas de linguagem e projeta a produção de efetiva interferência na alteração de posturas sociais. Ou seja, que tem, por característica principal, atuar com o propósito primeiro da educação. Para a pesquisadora, “a perspectiva educacional é prerrogativa primeira de um veículo comunitário e, por esta razão mesmo, sua atividade não se esgota na mera produção de mensagens noticiosas” (PAIVA, 2007, p. 144).

Nesta mesma lógica, na página do **youtube**⁵, que conta com 20, 9 mil inscritos, está uma vasta quantidade de material produzida pelo projeto. Este espaço midiático é, provavelmente, a plataforma mais importante do Común Tierra e com mais acessos.

A página é dividida em seis seções temáticas que serão descritas e contextualizadas a seguir, além do vídeo de abertura, que apresenta o *motorhome* (casa móvel) que o casal utilizou para viajar pela América Latina, com características voltadas totalmente para a auto-gestão ecológica. Os demais itens são:

a) Vídeos educativos, com enfoque educacional, ou seja, comunitário, técnico ou demonstrativo e que aborda questões de sustentabilidade encontradas nos diferentes assentamentos sustentáveis que o projeto documentou na América Latina e no mundo. Os vídeos educativos tratam basicamente sobre as práticas voltadas para sustentabilidade nas ecovilas, como, por exemplo, construções de moradias com barro e palha, conhecidas como técnica de adobe. Os vídeos dessa seção utilizam músicas ao fundo, com linguagem cotidiana, divertida, casual, jovem, com depoimentos de pessoas que trabalham e vivem nas eco aldeias visitadas, com duração de cinco e seis minutos em média, cada. Na página encontram-se disponíveis 51 vídeos educativos.

b) Eventos ecológicos, onde estão vídeos de eventos internacionais voltados à sustentabilidade e ecovilas que o Projeto Común Tierra participou ou realizou durante a viagem e também depois dela. Nesta parte estão disponibilizados doze vídeos, entre eles, eventos entre os anos de 2010 e 2014 como o Pepena Fest, realizado no México, em 2010, que é um encontro que tem como tema principal a reciclagem, práticas e soluções para o

⁵ <https://www.youtube.com/comuntierra> Acesso em: set. 2020.

lixo na sociedade. Nesta seção está também o Terceiro Encontro Argentino de Permacultura, realizado em Junin, Mendoza, Argentina, em outubro de 2013, e as conferências da Rede Global de Ecovilas (GEN), em 2013 e 2014, realizadas na Suíça e Alemanha, respectivamente. Estes encontros reúnem cerca de 300 pessoas de 51 países e lideranças de diferentes movimentos de comunidades confessionais e ecovilas de todo o mundo. Nesta seção, evidencia-se a noção de reconhecimento e redistribuição defendida por Fraser, na qual há uma clara busca por igualdade, na medida em que as comunidades se apresentam como o formas organizativas de combate às disparidades ecológicas em nível global.

d) Vídeos culturais, que tratam sobre culturas populares e tradicionais da América Latina e outras regiões do mundo visitados pelo Projeto Común Tierra, além de vídeos produzidos durante as viagens com artistas locais. Nesta seção estão disponíveis 15 vídeos, muitos deles com apresentações musicais de pessoas que integram as eco aldeias visitas.

e) A imprensa sobre o Común Tierra, onde está disponível uma coletânea de notícias sobre o Projeto Común Tierra vinculadas em diferentes emissoras de televisão. Aqui estão disponibilizados oito vídeos de como o projeto está sendo representado pelas mídias tradicionais, universitárias e também hegemônicas no Brasil e outros países na América Latina, como reportagens da TVE Brasil, da CNN em espanhol, reproduzido no México, do Programa Tierra Viva, do Canal 7, na Argentina e para TV Universitaria, da Bolívia.

e) Sueños Verdes, última seção da página, conta com oito vídeos filmados no *Encuentro Llamado de la Montaña* com depoimentos de ativistas da América Latina e contando sobre o sonho verde de cada um para o mundo e diferentes formas de sustentabilidade nas ecovilas.

Por fim, a terceira plataforma monitorada do projeto foi a página do facebook⁶, que conta com 8.752 seguidores. A última postagem aconteceu no dia 5 de setembro com o vídeo de uma entrevista que durou cerca de uma hora e trinta minutos com o casal Letícia e Ryan para o coordenador do projeto “Una Nueva Eco”, Carlos Rojas, responsável por um centro de informação e encontros para criação de aldeias ecológicas.

O vídeo possui até agora duas mil visualizações e 70 comentários. A conversa aconteceu toda em espanhol e o que mais chamou a atenção foi a atenção e importância

⁶ <https://www.facebook.com/ComunTierra>

dada às formas de relações sociais dentro das ecovilas, ou seja, o aspecto comunitário e político. Como, por exemplo, no seguinte relato:

O trabalho das comunidades rompe muitos paradigmas. Em algumas das aldeias ficou claro a parte de relações sociais, de construir confiança entre os integrantes. O fator limitante de uma eco aldeia é o limite da força dos vínculos pessoais, o que permite ou não movimentar uma energia maior. A comunidade é um ser em crescimento, é algo que deve colocar muita atenção e cuidado (...) A valorização de colocar no centro das funções as relações entre as pessoas, vital para todos os processos, diferente o que acontece no mundo individualizado (informação verbal⁷).

Constatamos também que nos primeiros 20 minutos da entrevista eles falaram sobre a viagem. Em seguida, abordaram sobre percepções pessoais, experiências e aprendizados, como a questão autossuficiência das ecovilas. Para eles, é necessário desenvolver a interdependência e compreender as relações das ecovilas como redes de apoio, cadeias, ao invés de somente uma única fonte. Neste ponto, percebemos mais uma vez a importância da luta por reconhecimento intersubjetivo, assim ressaltado por Honneth, ou seja, os grupos sociais formam a sua identidade e estabelecem seus lugares na sociedade quando de fato são reconhecidos intersubjetivamente.

4. Considerações finais

As análises e perspectivas teóricas descritas e discutidas neste artigo não se encerram por aqui. Pelo contrário, elas nos proporcionam bases e novos insights para a continuação da pesquisa que está em andamento, inserida no contexto contemporâneo de pesquisas em Comunicação em nível nacional e internacional.

Ao analisarmos a produção das mídias e o depoimento dos idealizadores do projeto Común Tierra, percebemos que o conceito de comunidade proposto por Esposito e desenvolvido por Sodr e e Yamamoto pode ser aplicado para uma melhor compreensão destes novos movimentos ecológicos contemporâneos, no qual o vínculo   colocado em primeiro plano, como forma de a o social. Ao atentarmos para este conceito de comunidade e a estreita rela o com a comunica o, podemos assim tirar assim novas li oes sobre as a oes políticas e comunitárias, internas e externas, das ecovilas, e provocarmos reflexoes para um outro modelo de desenvolvimento social que supere a lógica econômica vigente.

⁷ Entrevista concedida por RIGGATI, L [set. 2020]. Entrevistador: Carlos Rojas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/unanuevaecoaldeavideos/368733300958535>>. Acesso em: set. 2020.

Chamadas também de comunidades intencionais, tal denominação justifica-se pela ânsia de transpor barreiras para além das próprias ecovilas no ato de primar pela educação e compartilhar diferentes maneiras de outros mundos possíveis, mesmo que de forma limitada, por vezes contraditória, mas prática. Ou, como os próprios interlocutores propõe, um jornalismo de pés descalços.

Em sentido semelhante, identificamos nas mídias digitais do Común Tierra o que Fraser aponta como o reconhecimento cultural e a tentativa de preencher lacunas no lugar da redistribuição socioeconômica, percebida pela autora como uma busca por solução para injustiças sociais e objetivo de luta política, por mudança de paradigmas, no caso, ecológicas e de consumo a partir das práticas propostas.

Por fim, compreendemos que as questões levantadas neste artigo servirão como embasamento para futuras discussões teóricas e empíricas a partir de entrevistas online que serão realizadas com os protagonistas e organizadores do projeto.

É necessário ainda ressaltar que estava previsto também uma pesquisa de campo, em ecovilas no sul do Brasil e Uruguai, no entanto, devido à pandemia mundial do novo Coronavírus, que, infelizmente, teve início no começo de 2020, essa parte da pesquisa está, por hora, impossibilitada de ser realizada. No entanto, tal limitação sanitária nos faz focar ainda mais nas mídias digitais e concentramos nas práticas comunicacionais aqui analisadas, que demonstram ser um rico campo para ciências da comunicação e que possuem a capacidade de contribuir para possíveis desenvolvimentos sociais, econômicos e ecológicos no país.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno das ecovilas no Brasil contemporâneo**. 2018. 203 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018.
- BELLEZE, Gabriela; BERNARDES, Marcos Eduardo Cordeiro; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; JÚNIOR, Paulo Cezar Nunes. Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 223-238, 2017
- CAPELLO, Giuliana. **Meio Ambiente & ecovilas**. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. Vol. I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- DAWNSON, Jonathan. **Ecovillages. New frontiers for Sustainability**. Dartington: Green Books, 2006.
- ESPOSITO, Roberto. Nilismo e Comunidade. In: PAIVA, Raquel. O Retorno da Comunidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era Pós-socialista?** In: Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.
- LEIS, Héctor R. **A modernidade insustentável**. Petrópolis: Vozes, 1999.

-
- LÖWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SALAZAR, Claudio Antonio Pereira. Participación y acción colectiva en los movimientos globales de ecoaldeas y permacultura. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 45, n. 3, p. 401-413, 2013.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- NERY, Djalma. **Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência). Universidade de São Paulo, 2017.
- PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis. Afeto, Mídia e Política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **Prefácio**. In: O Retorno da Comunidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- _____. **Ciência do Comum**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- YAMAMOTO, Eduardo. **O Conceito de Comunidade na Comunicação**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 438-458, 2014.